

Minha experiência na realização da observação de bebês baseada no modelo Bick

My experience in performing the infant observation model based on Bick

Observadora: Guilenne Zaffari¹

Supervisora: Rosane Spizzirri²

Ao iniciar a atividade de observação de bebês no começo de 2013 achei a ideia de acompanharmos um recém nascido muito interessante, já que, pouco tinha tido a oportunidade de passar por este tipo de experiência em minha vida pregressa. Diante deste forte contato, tido tanto no convívio com o bebê quanto com seus familiares mais próximos, tive a oportunidade de me aproximar de um momento muito especial da vida de um indivíduo. Período este, que o vemos dando seus primeiros passos rumo ao total desenvolvimento. Poder presenciar um momento tão íntimo me gerava muita satisfação e entusiasmo. A cada pequena mudança, uma nova descoberta, ou até mesmo, uma nova "janela" de conhecimento se abria para mim.

Ao mesmo tempo, confesso que havia algo que me preocupava nesta relação que estava para se formar. Temendo vir a representar qualquer tipo de elemento desconfortável a estas pessoas que me receberiam, busquei tornar a minha presença o mais agradável, neutra e menos intrusiva possível. Em minhas observações buscava seguir o ritmo dos pais, respeitando o seu espaço e evitando requerer qualquer tipo de atenção aos mesmos, a menos que esta atenção fosse direcionada por parte deles, espontaneamente. Assim, conseguiria obter uma experiência mais pura de sua dinâmica, além de me sentir o menos invasiva possível neste local.

Parti para o primeiro passo em busca de uma mãe e de um bebê de até três meses que aceitassem a proposta. Foi então que, após algumas tentativas, cheguei até a residência de

¹ Psicóloga formada pela PUCRS, pós graduada em Ciências do Consumo Aplicadas pela ESPM e membro do ICPT.

² Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela PUC-RS, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica da Infância e Adolescência e em Psicanálise das Configurações Vinculares - Casal e Família. Atualmente é membro do Corpo Docente, Supervisora e Coordenadora do Curso Semanal do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Psicoterapeuta de Crianças, Adolescentes, Adultos, Casais, Famílias e Pais-Bebês. Autora do livro Adolescência & Comunicação Virtual. E-mail: rosane.spiz@terra.com.br

Artigos

Amanda e de seu filho Eduardo, na época com dois meses e seis dias. Fui muito bem recebida e a maneira com que fui tratada imediatamente me deixou mais a vontade para iniciar este trabalho. Aos poucos, senti que foi criado um bom vínculo, o que me permitiu fazer as minhas observações mais tranquilamente, além de me agregar em uma série de informações que não eram apenas providas de meu olhar, mas que chegavam até mim através do relato espontâneo de Amanda. Ela fazia questão de me detalhar todos os mais sutis acontecimentos e pequenas mudanças ocorridas em seu bebê a cada semana que se passava. Através deste ambiente acolhedor tive a oportunidade de acompanhar durante aproximadamente oito meses o desenvolvimento de Eduardo. Um menino saudável, alegre e nascido de uma mãe que dispunha de muita energia, atenção, carinho e dedicação a ele.

Minhas visitas passaram a ocorrer uma vez por semana em um período de uma hora. Ao longo delas, muitas vezes, Amanda retornava a falar sobre a fase que ainda estava grávida. Contava-me o quanto havia sentido esta como uma experiência positiva, pois o bebê havia sido alvo de seu profundo desejo. Este fato me chamou muito a atenção, me fazendo refletir sobre o quanto essa disponibilidade materna pode, na prática, causar impacto no recém nascido, bem como nas fases subsequentes de seu desenvolvimento. O desejo da mãe pelo filho e sua predisposição a amá-lo e a recebê-lo é sentida de forma intensa pela forte ligação que é criada entre essa dupla.

Fica evidente o quanto o ambiente representa um elemento essencial para que ocorra o desenvolvimento pleno e saudável de qualquer ser humano. Este espaço de relações já aguarda a chegada do bebê muito antes do seu nascimento. Como parte deste processo os pais idealizam o filho de acordo com a sua vontade antes mesmo de sua formação. É interessante lembrar que durante sua gravidez, Amanda me contou sobre alguns de seus medos e desejos. Ela me dizia que antes de seu nascimento, torcia para que Eduardo não tivesse o mesmo problema de um de seus familiares próximos, uma pequena malformação em um dos membros. Felizmente o seu medo veio a ser desmistificado ao obter uma imagem do menino em um de seus exames de rotina durante a gestação.

Também percebia a sua constante imaginação em relação a imagem de seu filho como adulto no futuro. Criavam-se expectativas em relação, tanto a sua forma física, quanto psíquica. Ela me mostrava fotos do tio do menino, apontando para qualidades dele e

Artigos

imaginando-as em seu filho quando este crescesse. Acreditava que seu bebê seria tão sociável quanto ela, pois em situações onde era exposto ao contato com outras pessoas se comportava muito bem, demonstrando gostar daquele ambiente. Na hora de comer, observa que sempre se alimenta rápido da mesma forma que o seu pai. Também acredita que por brincar muito com a sua bola iria gostar de futebol tanto quanto o seu irmão mais velho. Assim, a mãe montava, como que em uma colcha de retalhos, a imagem que via de seu filho alguns anos à frente. Em uma primeira fase da constituição do eu, isso é um comportamento normal dos pais. A criança deixa ao porta-voz a tarefa de formular as aspirações identificatórias sobre o seu futuro. A mãe então, espelha a imagem que vê em seu filho, imagem esta que foi criada muito antes de seu nascimento (Debenetti & Escosteguy, 1993).

Pude ver na prática que assim que, finalmente, é chegado o aguardado bebê, este passa por um processo de desenvolvimento. Para Mahler (1982), primeiramente ocorre uma etapa chamada de Autismo Indiferenciado, acontecendo em média até os dois meses. Após esta fase ele entra em um estado simbiótico com a mãe, em que ainda não se tem uma delimitação clara entre o eu e o cuidador, fonte de gratificação. O processo de separação-individuação é seguido destas primeiras etapas primitivas do desenvolvimento, sendo dividido em três diferentes subfases: diferenciação, exploração e reaproximação.

Ao iniciar as observações, Eduardo possuía pouco mais de dois meses, ou seja, ainda encontrava-se em uma fase simbiótica com a mãe. Nas primeiras vezes em que estive com eles, a voz de Amanda era calma, baixa e suave. Os dois pareciam estar em constante sintonia. O bebê seguia sua mãe através do olhar mostrando-se indiferente a minha presença. O menino dormia bastante, principalmente após sua mãe tê-lo amamentado. Do segundo mês em diante, se comportava e funcionava como se ele e sua mãe fossem um sistema onipotente, uma unidade dual dentro de um limite comum. Encontravam-se em um estado de fusão, no qual o eu ainda não é diferenciado do não-eu, e no qual o dentro e o fora só aos poucos vão sendo sentidos como diferentes. Neste estágio, a criança se comporta como se não pudesse nem mesmo distinguir claramente seu corpo sensório-físico do de sua mãe e do ambiente ao seu redor (Mahler, 1982).

Próximo aos cinco meses inicia-se um processo pelo qual a criança começa a perceber não apenas aqueles que a rodeiam, mas também seus próprios limites corporais. Por volta

Artigos

desta idade tem início a fase de separação-individuação, levando o indivíduo a organização. A partir deste momento, observei que Eduardo interagia com sua mãe sorrindo quando esta brincava com ele em seu colo. Percebi o afastamento de seus corpos no momento em que Eduardo era colocado de pé sobre os joelhos de sua mãe. O menino observava Amanda e a tocava, parecendo querer desvendar todos os seus traços faciais. Às vezes, puxava seus brincos, corrente, cabelos e até mesmo os seus óculos. Neste momento foi visível a relevância destes movimentos que o levariam ao alcance da habilidade de distinguir sobre quem ele é e o que ele não é.

A mãe desempenha um papel muito delicado neste período. Seus sentimentos conscientes ou inconscientes podem vir a afetar fortemente seu filho, que encontra-se em uma posição bastante dependente. Mães muito ansiosas por verem rapidamente seu filho independente ou, que pelo contrário, o estimulam fortemente a dependência delas, podem acabar evitando que seus bebês passem por esta subfase com êxito. Foi possível sentir o quão sutilmente o menino captava os sentimentos de sua mãe em relação aos seus movimentos, respondendo a estes de acordo com os que eram mais aceitos por ela. A conexão dos dois era tão grande que cada pequena mudança no humor de Amanda parecia ser compreendida pelo menino em uma comunicação intrínseca entre eles.

Por volta dos nove meses, Eduardo dá um forte sinal de que havia entrado na subfase de exploração. O menino começa a engatinhar, se movimentando primeiramente na medida em que arrastava-se pelo chão ainda sentado. Seu olhar se tornou ainda mais atento e observei que a curiosidade por desvendar todos os detalhes dos objetos que encontrava em sua frente também era maior. Nesta etapa, a criança parece feliz esquecendo-se de sua mãe. Apesar de que precisa voltar, ou saber aonde ela está, afim de que consiga buscar segurança em uma espécie de recarregamento emocional, o que possibilita assim, poder continuar explorando (Mahler, 1982).

É muito importante que, principalmente neste momento, os pais estejam preparados para fornecer a segurança que o bebê precisa. É necessário ter equilíbrio, não expondo-o demasiadamente a uma independência que este ainda não tem a capacidade de dar conta. A superproteção, pelo contrário, também acaba restringindo a criança ou tornando-a insegura perante este momento de seu crescimento. A teoria do apego de Bowlby (1989), trata deste tema e das consequências geradas pela falta de um ambiente adequado. Esta, baseia-se na

Artigos

necessidade humana de formar vínculos estreitos como uma forma de sobrevivência e proteção.

O bebê deve saber que, ao buscar os pais, irá receber a ajuda e cuidados de que necessita. Assim, futuramente será possível que ele se torne um ser humano mais seguro e confiante. Estes primeiros modelos internos são fundamentais para a formação de suas relações futuras. O apego também é essencial para que a criança tenha segurança suficiente para poder explorar o mundo. Quando o indivíduo está seguro, ele tende a conseguir sair de perto da figura de apego, porém, quando alarmado, cansado, ou sentindo-se mal, sente a urgência da proximidade. A relação de apego tem como função primordial a sobrevivência no sentido da proteção, é a capacidade de estabelecermos laços emocionais íntimos com os outros (Bowlby, 1989).

Levando estes conceitos como base de minhas observações, pude perceber claramente na prática como ocorre a dinâmica da relação mãe-bebê. Também senti que a cada novo contato, revivia um pouco de minha própria infância. A cada detalhe deste convívio refletia sobre a minha história, a de meus amigos e familiares próximos. Pensei sobre o quanto cada indivíduo ao meu redor necessitou, em um período inicial de sua vida, de uma atenção e cuidados extremos para que seguisse o curso normal de seu desenvolvimento. Me peguei algumas vezes em que saía da casa de Amanda e Eduardo, olhando pessoas desconhecidas na rua e me questionando como haveria sido a experiência inicial da vida destas pessoas. Porém, conclui que uma coisa é certa a todos que hoje encontram-se em um estágio mais evoluído de amadurecimento, havia alguém lhes cuidando um dia. Não importa como foi essa atenção, se foi suficientemente boa ou não, mas o fato é que, para que qualquer ser humano se desenvolva, é preciso muito trabalho, cuidado e dedicação.

O que eu levo de minha experiência é esse sentimento do quão frágeis nós somos ao nascer, e do quanto demandamos a um outro. Outro este que nem ao menos confiamos o nosso cuidado, o zelo da coisa mais valiosa que temos, nossas vidas, nosso corpo e nossa mente. Simplesmente caímos a sorte desse alguém que nos cuida, que nos embala, que nos alimenta e que nos aquece. Nada fizemos para termos este cuidado, talvez nunca conseguiremos retribuir a altura do que nos foi fornecido. Sei que agora entendo melhor o medo de muitas mães preocupadas com a segurança de seus filhos. Depois de tanta doação,

Artigos

medo de que lhes aconteça algo aos seus filhos, e que elas nada possam fazer, é o mínimo. O que ganho deste trabalho é uma visão sem volta, é jamais olhar para algum ser humano que me apareça no consultório ou mesmo em minha vida sem pensar que um dia já existiu alguém lhes cuidando. E como foi este cuidado? Isso é um mistério que cada um de nos carrega consigo e que é refletido através de quem viemos a nos tornar.

Referências

Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas. 202p.

Debenetti, C. I. & Escosteguy, N. U. O. (1993). "Ser Pai" em Piera Aulagnier. *CEAPIA*, Porto Alegre, ano VI, Novembro, 1993.

MAHLER, M.(1982). *O Processo de Separação-Individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas. 190p.